

UMA EXPERIÊNCIA DIVERSIFICADA DE COMERCIALIZAÇÃO GERIDA POR ASSENTADOS RURAIS¹

Michelle Ribeiro Pinto Costa²

Zildo Gallo³

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante⁴

Luis Antonio Barone⁵

Resumo: O modelo socioeconômico vigente, que preconiza o lucro como fim último de seu sistema, fez da região Central do Estado de São Paulo um complexo de grandes indústrias, onde trabalhadores rurais são mão-de-obra barata e volante. Indutor de mudanças constantes sempre em favor do capital, este sistema desencadeia um ciclo de dependência, desorganização e vulnerabilidade na vida no campo. Inserem-se nesta complexa realidade os projetos de assentamentos rurais que representam uma forma justa de distribuição de terras e possuem contrapontos e resistências às grandes concentrações de terra e renda. A partir da perspectiva de um fragmento – um casal de assentados do Projeto de Assentamento Monte Alegre que produz sem agrotóxicos e organiza seus produtos em cestas para entregas em domicílio, bem como se utiliza da rede social *facebook* como mediadora do processo – desejamos relatar e compreender como esta experiência diversificada se sustenta em meio a tantas contradições.

Palavras-chave: Estratégias Diversificadas de Produção; Assentados Rurais; Cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio.

¹Dissertação desenvolvida no Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA.

²Mestre pelo Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA.

³Prof. Dr. do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA.

⁴Prof. Dra. do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA.

⁵Prof. Dr. da UNESP de Presidente Prudente.

Abstract: *The current socioeconomic model, which advocates for profit as the ultimate purpose of its system, made the central region of the state of São Paulo a large industrial complex, where rural workers are cheap and seasonal work force. Leading to constant changes always favoring capital, the system triggers a cycle of dependency, disorganization and vulnerability in rural life. We can insert into this complex reality projects of rural settlements that represent a fair distribution of land and have counterpoints and resistance to high concentrations of land and income. From the perspective of a fragment - a couple of settlers belonging to the Monte Alegre Settlement Project that produces without pesticides and organizes its products into baskets for home delivery, and use of social network facebook as a mediator of the process - we want to relate and understand how this diversified experience is sustained amid so many contradictions.*

Keywords: *Diversified Production Strategies; Rural Settlers; Home delivery of vegetable and fruit baskets.*

Introdução

O modelo de distribuição de terras no Brasil está envolto dos ideais de lucro acima de qualquer justiça, o que justifica os imensos latifúndios que tomam conta da paisagem brasileira. Este complexo processo, que não passou por momentos de drásticas rupturas com o capital, caminhou a passos lentos, os muitos demandantes por terra, suas reflexões e ocupações realizadas forçaram, após muitas lutas, o Estado a gestar políticas públicas que mesmo insuficientes ainda são sinais de possibilidades dentro deste contexto emaranhado de controvérsias. Apesar de insatisfatória e sempre incompleta, a criação de assentamentos confere maior justiça social a esta realidade.

Os Projetos de Assentamento (P. A.) constantemente exigem a organização, manutenção e desenvolvimento de estratégias que viabilizem uma vida com qualidade aos assentados, isso compreende inúmeros fatores que se entrelaçam, formando uma complexa teia cheia de agentes e condicionantes na maioria das vezes imensuráveis. Diante destas contradições encontramos experiências exitosas em diversos assentamentos que nos reafirmam a necessidade de relatá-las como mecanismo para difundir e promover as boas ideias.

Nos municípios de Araraquara e Motuca, região central do Estado de São Paulo, reconhecidos por suas monoculturas de cana e seus complexos sucroalcooleiros, onde se situa também o Projeto de Assentamento Monte Alegre,

encontra-se a experiência de um casal de assentados que produz sem o uso de agrotóxicos, e ao mesmo tempo fazem a entrega de cestas de verduras, legumes e frutas, utilizando a rede social facebook. A experiência que foi se organizando e ganhando adeptos já caminha para três anos de existência, com uma contribuição efetiva, como verá mais adiante, para a vida do casal de assentados.

O presente artigo derivado da dissertação defendida no Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA justifica-se a partir da necessidade de divulgar a viabilidade da manutenção de uma experiência diversificada, em um contexto em que os dados apontam que grande área agricultável do assentamento Monte Alegre é destinado ao cultivo da cana⁶. Deste modo, o que impulsiona tal experiência e como a mesma se mantém de forma viável para os assentados, são questões que serão discutidas ao longo do texto, buscando voltar o olhar para a viabilidade da entrega das cestas de verduras, legumes e frutas como mais uma possibilidade no sentido do sucesso das experiências de reforma agrária.

História e Trajetória

Aspectos históricos do Assentamento Monte Alegre

A região central do Estado de São Paulo, universo desta pesquisa, tem peculiaridades importantes, que fazem deste território um modelo de como o processo de modernização da agricultura transformou a vida no campo, trazendo grandes conquistas para o agronegócio e graves questões sociais e ambientais para toda sociedade. Haja vista que as terras agricultáveis da região, em grande parte, são destinadas a cana-de-açúcar; no município de Araraquara, por exemplo, são 49 mil hectares, ou 49% de toda a área do município⁷.

A formação do P. A. Monte Alegre com suas conquistas e desafios foi contada ao longo dos tempos por Antuniassi, Aubrée e Chonchol (2012), Duval (2009), Ferrante e Barone (2006), Bellacosa (2012), entre outros. O mesmo ainda é objeto de inúmeras investigações e publicações.

Sem a pretensão de revelar a origem de cada família do P. A. Monte Alegre, a Tabela 1 fornece um panorama geral do início do assentamento. Ao longo do

⁶Com um aumento gradativo ano a ano, o plantio de cana atingiu seu recorde na safra 2009/2010 com um total de 282 produtores, o que representou 79% das famílias instaladas no assentamento. (BELLACOSA, 2012).

⁷Fonte: IBGE: Produção Agrícola Municipal, 2009.

tempo, famílias desistiram de seus lotes, novas famílias de diversos lugares foram chegando, soma-se a isso também agregados que se uniram a donos de lotes. O P. A. Monte Alegre foi se constituindo aos poucos em diferentes momentos históricos, por trabalhadores rurais com diferentes origens, o que resultou em uma miscelânea de culturas, anseios e trajetórias diversas, conforme se nota na tabela abaixo.

Tabela 1 – Formação Assentamento Monte Alegre⁸

Ano de formação	Julho de 1985	Outubro de 1985	Agosto de 1986	Novembro de 1986	1989	1997
Núcleo	I	II	III	IV	V	VI
Origem dos trabalhadores	Famílias de Pontal, Urupês e Cravinhos	Famílias de Sertãozinho e região anteriormente acampadas em Pradópolis	Bóias-frias de Minas gerais	Trabalhadores de Guariba ligados a lideranças políticas locais	Famílias de Sertãozinho	
Forma de ocupação	Ocupação	Alocados após invasão em Guarani e pradópolis	Selecionados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara	Ocupação	Ocupação	Ocupação

Fonte: Organizada por Michelle R. P. Costa; Abril de 2013.

Resumidamente: a fazenda Monte Alegre tem um total de 6.599,16 hectares, entre lotes agrícolas, agrovilas, áreas de reserva legal e de proteção permanente; a área agrícola total do assentamento é de 4.960 ha, conforme registra Bellacosa (2012).

Formas de produção no assentamento

Nos primeiros anos agrícolas, por imposição do ITESP, grãos como milho, soja e feijão foram motivos de duas safras desastrosas. A falência de um projeto coletivo nos primeiros anos pode ter ocorrido pela ignorância sobre o funcionamento de cooperativas, pelas dificuldades para gerir a própria produção,

⁸Com informações de BELLACOSA, 2012.

pelos choques provocados pelas diferentes origens e culturas dos assentados etc. Após o fim do projeto coletivo aumentam as produções de autoconsumo.

O P. A. Monte Alegre iniciou sua trajetória com muitas dificuldades para se consolidar e garantir direitos básicos às famílias, assim a suscetibilidade às ideias de progresso fizeram com que, aos poucos as usinas, já com falta de terras para cultivo, aliciassem poder público e assentados para o seu projeto. Assim há uma grande aceitação das famílias com o Projeto Cana; em 2004 11% das famílias ingressaram na "parceria", na safra 2009/2010, 79% das famílias cediam parte de seus lotes para plantar cana-de-açúcar. A questão central é, portanto, que o assentamento Monte Alegre foi aos poucos se tornando um mar de cana (Bellacosa, 2012).

As questões que envolveram a entrada da cana no assentamento Monte Alegre representaram obstáculos ao modo de vida dos assentados, pois não houve uma integração completa dos agricultores ao processo produtivo, visto que o mesmo é excludente de mão de obra, conforme observa Bellacosa (2012):

Este número é ainda mais expressivo quando analisamos o número total de famílias que aderiram ao projeto nesses últimos sete anos. Para termos uma idéia, desde que a "parceria" para o plantio de cana começou no assentamento, 89% das famílias ingressaram no projeto em algum período dessas sete safras. Significa dizer que somente 41 famílias, de um total de 358, optaram por não produzir cana até a safra 2010/2011.

Contudo há uma dialética que envolve todo o processo, pois mesmo com os empecilhos impostos pela atividade canavieira, houveram espaços de resistência, pois com recursos os assentados puderam plantar diferentes cultivos na metade restante dos lotes. O que evidencia que mesmo em uma escala reduzida, a cana divide espaço com uma produção diversificada.

Estratégias de comercialização e renda: uma estratégia familiar?

A comercialização sempre foi considerada uma dos maiores obstáculos para o crescimento econômico do produtor rural, especialmente para os assentados pela reforma agrária. Para os assentados rurais muitas são as incertezas que envolvem sua produção e comercialização, o clima que pode contribuir ou destruir, as imprevisibilidades que geram custos e demandam recursos que podem chegar ou não. Por reconhecer estes inúmeros desafios é necessário ir além e descrever as estratégias encontradas pelos assentados.

Coletivamente ou não, alguns e poucos assentados conseguem romper com o esquema de comercialização via intermediário e comercializam direto nas feiras, no varejo e até mesmo em centros atacadistas ou ainda fornecem para empresas, [...] Entretanto, embora isso represente a chance de se conseguir melhores preços pelos produtos é preciso equacionar o custo benefício, pois o aumento das despesas é visível quando se opta pela comercialização direta, englobando transporte, embalagens, mão-de-obra, geralmente deslocada da produção, mas quase nunca computada pelos assentados (SANT'ANA, 2011).

As feiras livres, a entrega de alimentos para o CEASA e/ou para programas como o PAA são estratégias muito utilizadas pelos assentados. Mesmo com as imposições ora do ITESP, ora das usinas, experiências diversificadas surgem e se mantêm, agricultores adeptos e com experiências em tipos diversos de agricultura conseguem produzir e comercializar sua produção, conforme aponta Whitaker (2008). Para Bourdieu, segundo SANT'ANA (2011):

As estratégias formam um sistema cronologicamente articulado, de modo que uma estratégia pode substituir a função de outra ou ser mais importante do que outras em determinado contexto ou de acordo com o ciclo de vida da família.

Os cultivos para autoconsumo vão ao longo desta trajetória representar importantes práticas de diversificação. As estratégias dos assentados de reforma agrária da Fazenda Monte Alegre produziram uma série de transformações no meio ambiente, tais como: o aumento da diversidade dos sistemas agrícolas e a criação de uma heterogeneidade no espaço físico da área (WHITAKER, FIAMENGUE, 2000). As produções para autoconsumo são também uma constante que vão garantir a segurança alimentar dos assentados.

Estratégias utilizadas pelos assentados como a utilização de calcário para correção de acidez do solo, o combate às pragas através de plantio de culturas intercaladas, utilização de materiais orgânicos (excedentes de produção, esterco, folhagens) e manejo de animais, sem a utilização de agrotóxicos e/ou adubação química, entre outros já garantem uma qualidade ambiental mais adequada que no sistema exclusivo de monocultura.

A professora Dulce Whitaker e Elis Cristina Fiamengue (2000) descrevem quatro modelos de produção diferenciados nos lotes da Fazenda Monte Alegre,

o que demonstra que de diferentes formas os assentados organizaram a produção em seu lote e contribuem para a manutenção sustentável do assentamento. Whitaker e Fiamengue (2000) destacam também cinco níveis de diversidades encontradas nos lotes da Fazenda Monte Alegre que são destacados abaixo:

1. Formação de mosaicos na paisagem: O solo coberto pelas diversas culturas, criações e formas alternativas de produção é responsável pela composição de um mosaico na paisagem.

2. Diversidade de produção entre os lotes: Cada lote possui diversos e diferentes cultivos, Whitaker destaca a criação de gado leiteiro para produção de queijos e doces, ou para comercialização do leite como produto final, criação de bicho-da-seda, de carpas, de rãs, além das criações de subsistência (galinhas, porcos, etc.), o cultivo de frutas e hortaliças diversas, de mandioca, sendo que alguns cultivam cereais de subsistência (feijão, milho, arroz, etc.).

3. Diversidade interna dos lotes: No interior de cada lote reconhecemos diversos sistemas de produção organizado e desenvolvido por cada família.

4. Diferentes formas de produção e o uso criativo de recursos: As diferentes formas de utilização criativa dos recursos, como: circuito interno de reciclagem, frutas para alimentar gado, a utilização de culturas intercaladas, entre outros. Plantio de diversas culturas (frutas, verduras e hortaliças), algumas oriundas de outros estados.

5. Diversidade de consumo na mesa dos assentados e nos produtos comercializados no mercado: Consome-se e comercializa-se laticínios, frutas e doces, hortaliças e legumes, fio de seda, galinhas e ovos, peixes e rãs, porcos e coelhos.

Conforme Whitaker (2008), o inventário de alguns lotes de assentados da região de Araraquara

(...) nos surpreende com hortas e pomares de ricas variedades. Além disso, um pequeno número de cabeças de gado determina criatividade e diversidade no uso do leite. Galinhas e porcos "passeiam" pelos terreiros à moda antiga, enquanto técnicas modernas permitem a criação de peixes e rãs em tanques e reservatórios. Alguns se dedicam a sericicultura, outros fabricam farinha de mandioca, alguns vendem o leite para usina, outros preferem produzir queijos e com o soro alimentar os porcos. Verdadeiros sistemas agrícolas se formam a partir de diferentes atividades integradas pelos agentes humanos na situação.

Não se deseja aqui desprezar os muitos determinantes estruturais, deseja-se, no entanto, compreender as ações dos sujeitos na construção de suas estratégias de vida, reconhece-se, portanto, as limitações que as sociedades e o próprio processo histórico impõem constantemente.

Segundo SANT`ANA (2011), as estratégias se fundamentam em *habitus* e envolvem projetos que estão em constante construção. Estes projetos são parte dos modos de vida que enfatizam prática cotidianas, representações, estão incorporados no agir pensar e ser dos indivíduos... É o modo de vida que dá sentido às inter-relações entre as estratégias, embora nem sempre seja produto de escolhas racionais e lógicas e, como elemento histórico está em permanente construção.

As estratégias, portanto, são construídas na relação tensa entre um campo, um *habitus* e um projeto, expressam e são expressão de um modo de vida; buscam configurar e, ao mesmo tempo sofrem a mediação desse mesmo modo de vida (SANT`ANA, 2011).

Esta ideia possibilita que se olhe de forma mais ampla para as estratégias diversificadas promovidas pelos assentados, em particular pelo Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória, bem como para os questionamentos em torno de como elas surgem e se mantêm dentro de uma realidade adversa e complexa, como os assentamentos rurais. O *habitus* parece determinar estratégias que não são organizadas e planejadas de forma consciente, mas sempre se adequam a situação.

Conforme se relatará a seguir, o Sr. Alvino e a Sra. Maria construíram seu modo de vida ao longo do tempo baseados em suas muitas e diferentes vivências que trouxeram aos mesmos muitas possibilidades para sempre repensar suas estratégias. As famílias buscam desenvolver diferentes estratégias para tornar viável a produção em seu lote, e desenvolvem concomitantemente conjuntos de situações onde a reprodução não é apenas material e produtiva, mas social, cultural e ideológica.

Sem tomar as determinações estruturais como verdade absoluta, nem as desprezando, faz-se necessário observar os modos de vida adotados pelo casal, para compreender de fato como ele viabilizou suas estratégias ao longo do tempo. O modo de vida, mesmo não sendo, às vezes, resultado de decisões racionais e lógicas, constitui-se como fator histórico e está em constante construção. Há uma interdependência entre modo de vida e as condições de vida, que são um constante movimento de construção e reconstrução, num espaço social em que

dificuldades, sucessos ou insucessos devem ser compreendidos para além do seu significado material.

As cestas e a rede social

O lote da perspectiva dos assentados

Numa oposição frontal ao positivismo, a sociologia compreensiva propõe a subjetividade como fundante do sentido e defende-a como constitutiva do social e inerente ao entendimento objetivo. Essa corrente não se preocupa em quantificar, mas em lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência, e da explicação do senso comum (MINAYO, 2008).

A trajetória do casal se confunde com o desenvolvimento do assentamento, que ao longo dos anos foi sofrendo transformações em busca de sua viabilidade, conforme confirmam os relatos, que registram o início da organização dos assentados⁹. Também demonstra a relação de proximidade com a vida rural e a necessidade de manutenção da mesma. O Sr. Alvino mesmo depois de ter trabalhado com diversos serviços, como na construção civil e na administração de um mercadinho de sua propriedade, destaca sua ligação com a terra e o desejo de viver do seu trabalho nela. Experiências em diversos setores conferem o empreendedorismo percebido na fala do Sr. Alvino.

As ações geridas pelo Sr. Alvino destacam traços interessantes de sua personalidade criativa e observadora, sempre motivada pela auto-realização com desejo de assumir responsabilidade e ser independente. A maneira como ao longo do tempo ele foi percebendo as mudanças, lidando com as oportunidades, tendo iniciativa para gerar novas estratégias, reafirma traços marcantes de uma personalidade criativa, mas não se pode deixar de ressaltar que a participação da família, de companheiros assentados, a vivência com os amigos, o trabalho, os relacionamentos, a televisão são fatores importantes e constituintes desta

⁹Com os resultados deficientes e a precariedade da situação econômica do assentamento, muitas famílias deixaram o projeto. Foi o grande momento de ruptura da reforma das Terras de Monte Alegre. Assim, após a colheita de 1987, 18 famílias abandonaram o assentamento. Outros vieram ocupar os lotes vazios (ANTUNIASSI, 1993).

personalidade empreendedora. Na fala do Sr. Alvino nota-se o espírito empreendedor:

Nós viemos em 1988 para o lote, foi quando nós viemos para o lote. E eu vim para o lote porque eu sempre fui da terra, sempre eu morava em fazendas, e todo mundo que mora em sítio ou em fazenda o sonho dele um dia é ter um pedaço de terra. E eu morava em terra dos outros e eu sempre sonhei um dia em ter um pedaço de terra que fosse meu. Aí quando surgiu essa oportunidade de eu pegar esse lote aqui eu, mais do que depressa, larguei as profissões que eu tenho e vim para o lote, apesar de eu ter outras profissões. Eu sou armador, sou mestre de obras, e outras profissões mais, mas eu preferi mexer com a terra.

Fica evidente que a relação com a terra e o desejo de viver do trabalho no sítio são características essenciais para a prosperidade batalhada e alcançada. Com orgulho o Sr. Alvino descreve, que, seu lote foi indesejado por outros agricultores, por conta de sua situação geográfica e reforça que seu desejo de trabalhar e viver do seu sítio possibilitou a construção de diferentes estratégias para tornar produtiva e viável a sua permanência no assentamento.

Cestas: uma forma inovadora de inserção no mercado

A história de como as cestas tornaram-se uma forma de comercialização viável é contada de modo emotivo pelos agricultores, que puderem ver boas mudanças em suas vidas. A participação, mesmo que pequena, da pesquisadora e de sua família nesse processo serviu para impulsioná-la a relatar e registrar a experiência.

Entrevistador: Como é que começou ideia de vender as cestas. E começou com quantas cestas e como é que foi crescendo a venda das cestas?

Sr. Alvino: O que é mais engraçado de tudo é que essa cesta eu comecei com você. Um dia que eu te convidei na feira pra que você viesse aqui no sítio pra nós fizesse uma pamonha. E você conheceu o sítio, você como freguês, comprando na minha barraca. Aí você chegando aqui, e vendo a minha horta, as coisas que a gente tava produzindo, a maneira como a gente tava produzindo, aí você propôs pra mim porque é que eu não fazia essa cesta básica de verdura e eu falei pra você: "É complicado porque é o

seguinte, pra eu poder começar a entregar uma cesta de verdura eu tinha que ter no mínimo 15 ou 20 cestas pra entregar, senão não vai compensar essa viagem daqui até Araraquara, com mão-de-obra e tudo." Você ficou quieto, tal, e foi embora. Passou três dias você me telefonou e falou: "Olha, Seu Alvino, eu estou com 15 cestas pra você entregar pra nós aqui. Você traz aqui que eu vou te levar às pessoas." E eu peguei aqui um dia a tarde, montei a cesta, peguei um dia lá a tarde, aí foi eu mais você, de casa em casa entregando e aí surgiu a ideia da cesta, graças a vocês dois.¹⁰

A emoção dos agricultores ao relatar uma experiência que vem sendo positiva é muito interessante, pois após tantas lutas e em meio a um cenário nada motivador, conseguir produzir e escoar a produção parece por vezes um imenso milagre.

Sobre os primeiros clientes e a divulgação

Entrevistador: Depois dessas primeiras cestas como é que foi crescendo isso, como é que foi esse papel da Lindamar (filha) vendendo pela internet. Como é que isso foi acontecendo?

Maria da Glória: A maioria é de freguês que compra, começou consumindo essa cesta, gostaram, e falam pra amigos, indica pra outra pessoa, pra vizinhos, pra própria família... A maioria das nossas cestas tá sendo assim, de indicação, de boca a boca. Está tendo também pelo face [facebook], pela internet tem muita gente acessando... Mas o que está sendo mais gratificante pra gente é que está sendo mais por boca a boca, gente que está gostando e indicando a cesta da gente pra outras pessoas. Isso é o mais gratificante pra gente, que quer dizer que tá tendo... Tá gostando da nossa cesta.

A receptividade das pessoas que buscam saber sobre a entrega das cestas é sempre muito animadora, após a entrega das primeiras cestas o jeito cativante e sempre muito otimista do casal conquistou os clientes. Vale destacar a imensa

¹⁰Entrevista concedida por Alvino e Maria da Glória. Entrevistadores: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

generosidade da filha mais velha do casal – Lindamar – que está sempre pronta e paciente para fazer o contato com os clientes. Nas conversas informais a mesma demonstra muito orgulho da luta de seus pais.

A estratégia que utiliza o e-mail e a rede social facebook é um grande diferencial desta experiência, a facilidade oferecida aos clientes, bem como o rápido alcance destes mecanismos a novos e possíveis clientes contribuem enormemente para o sucesso deste projeto.

Sobre os pedidos

Entrevistador: A maior parte das vendas dos produtos, ou a totalidade, é feita através da internet? Ou por email ou pelo face?

Sr. Alvino: Exatamente.

Entrevistador: E aí depois...

Maria da Glória: Já tem os freguês fixo. Tem gente que já fez pedido a primeira vez, querem receber toda semana, então continua pegando tendo toda semana. Tem gente que já fez o pedido, quer de 15 em 15 dias, que consome menos. Então já tem uma lista de freguês que eu já guardo que é de 15 em 15 dias, outros que é toda semana. E fora os que pedem depois pra ela pelo face (Facebook) e pela internet.

Como método para agradar o cliente e agregar valor ao produto, as cestas podem ser organizadas de acordo com o interesse de quem compra. Isso acarreta a necessidade de um grande empenho por parte de todos os envolvidos no processo.

Sobre a montagem das cestas

Entrevistador: E aí quando chega o pedido vocês colhem e vão montar a cesta?

Maria da Glória: É. Geralmente...

Sr. Alvino: Funciona assim, olha: a gente faz a lista, a gente vai na horta, vê os produtos e vê o que nós mandamos. Porque senão fica muito repetitivo,

you vai pegar todo dia cenoura, todo dia beterraba e cenoura. Então a gente vai lá com a lista, a outra semana a gente mandou cenoura, beterraba e tal. Então nós vai pôr chuchu, nós vai pôr... Então a gente vai verificar. Só o que nós manda sempre, que aqui ninguém enjoa, que tá na mesa de todo brasileiro todo dia são tomate, alface, essas coisinhas... Um cheiro verde, um negócio que faz parte de todo dia.

Maria da Glória: Do dia-a-dia, né.

Sr. Alvino: Agora, legume a gente tá sempre pescando, um dia a você põe uma batata-doce, um dia você põe uma mandioca, outro dia você põe uma berinjela, outro dia você põe um jiló, outro dia você põe a beterraba, outro dia você põe a cenoura... Vai dando uma modificada em legumes pra não ficar repetindo toda semana.

Maria da Glória: Eu procuro sempre pôr folha, legumes, uma raiz e flor. Mas nem sempre é época de flor. Quando tem época de flor, da brócolis, do couve-flor, a gente sempre procura pôr. E quero montar cestas... Eu procuro sempre fazer isso: ponho sempre folha, fruta, legumes e uma raiz, e flor, pra ficar uma cesta legal.

O processo de preparação das cestas também envolve muito cuidado em suas várias etapas, lavar, separar, pesar, as mandiocas, por exemplo, são picadas, lavadas e ensacadas. A liberdade de escolha dos produtos pelos clientes faz com que o processo de organização das cestas para os agricultores seja demorado e exija muita atenção e habilidade para que as cestas estejam de acordo com as necessidades de cada um.

A rede social facebook e as cestas

O facebook no Brasil tinha em 2012, ano da pesquisa, mais de 38 milhões de usuários, mostrando que a rede se consolida no País, dado que se comprova pelo tempo gasto mensal nas redes, quase sete horas. Nos assentamentos rurais a internet ainda não se faz presente de forma tão intensa como nos centros urbanos, contudo a influência das redes sociais é tão ampla que parece não existir desconhecimento sobre a mesma.

Com a organização da experiência da entrega de cestas de verduras, legumes e frutas, foi criado no facebook o grupo denominado "*grupo de cestas sem*

agrotóxicos", onde foram adicionados os primeiros clientes e, aos poucos, os próprios membros foram adicionando outras pessoas e construindo um jeito próprio de organizar o grupo. O grupo hoje conta com cerca de 350 membros, é utilizado com frequência semanal por cerca de 20 consumidores, ora para fazer o pedido da cesta, ora para repassar endereços, para fazer pedidos personalizados e/ou fazer alterações fora dos prazos. O que demonstra que cerca da metade dos consumidores semanais utiliza a rede social como mecanismo de aquisição das cestas. Nas postagens parece que o contato via facebook para os clientes da cesta é sempre mais rápido do que o uso do telefone.

O grupo no facebook confere um caráter facilitador à comercialização, pois, como grande parte dos clientes possui acesso constante ao mesmo, existe muita comodidade para a feitura dos pedidos. Outro fator importante é a visibilidade ao processo de comercialização, que se torna uma constante, pois sempre que um membro do grupo "curte" uma postagem ou faz comentários, se houver a prévia permissão dos usuários, todas as pessoas conectadas a este cliente sabem de sua participação no grupo. Como a rede pode construir infinitas conexões, um grande número de pessoas pode ter acesso ao grupo. Por todas estas facilidades a rede social pode ser um instrumento importante na comercialização das cestas, significando uma experiência inovadora.

As culturas: O caminho para a diversificação

O Sítio São José da Proteção é hoje um exemplo da formação de mosaicos na paisagem. No sítio o Sr. Alvino, com o objetivo de tornar o solo mais homogêneo com terra mais fofa, o trator é utilizado para ciclar os nutrientes de cima para baixo, nas faixas de terras adiciona-se de forma manual uma mistura comprada de esterco bovino com terra e após este processo o solo é revolvido novamente, desta vez com a enxada de forma mais superficial.

Criam-se sulcos verticais e horizontais que criam um xadrez na terra para receber as mudas e ou sementes (compradas em estabelecimento de produtos agrícolas – sem preferência por semente orgânica e sem fungicida). Somente na horta são cerca de 20 tipos de cultivos diferentes.

O Sr. Alvino detalha seu modo de produção com destaque para os cultivos de brócolis e repolho, onde fica evidente que a construção de seus saberes desenvolve-se no dia-a-dia, no contato com a terra e seus desafios. Se por um lado surpreende reconhecer tanta pró-atividade e espírito empreendedor, não se pode deixar de questionar as imensas perdas que a falta de uma assistência técnica efetiva poderia dirimir.

Os vegetais e frutas que não servem para a comercialização bem como a palha do milho e restos de podas são espalhados pelo solo para garantir nutrientes, cobertura e proteção contra a perda de umidade e exposição ao tempo que podem causar erosão.

Não existe uma divisão rígida dos cultivares, hortaliças e leguminosas em um terreno com o preparo descrito anteriormente, e as frutas são distribuídas por toda a propriedade de forma aleatória.

As pragas como fungos, pulgões e lagartas, são administradas com uma infusão de Mamona (*Ricinus communis* L.) e/ou Neem (*Azadirachta indica*). Além disso, é realizada a rotação de culturas para que uma praga que ataca um cultivar específico não perjure. Touceiras entre as plantações são deixadas de forma proposital, pois elas criam barreiras naturais a fim de evitar que as pragas de uma determinada cultura atinjam as outras ao redor.

A maneira como o Sr. Alvino relaciona sua produção com a biodiversidade de seu lote estão presentes nas suas observações. Por exemplo, quando ele julga que suas perdas nunca são grandes o bastante que justifiquem o uso de agrotóxicos, ele cria uma lógica completamente diversa do mais comum. Explica-se isso, talvez, pelo seu jeito empreendedor e o desejo de viver da terra e sentir-se completamente satisfeito com o ritmo natural da vida.

O desnível do terreno é aproveitado para o escoamento da água, poupando esforços para irrigar toda a plantação¹¹, que é feita com mangueiras com pequenos furos, dispostas entre as plantações, ligadas a uma bomba que retira água dos três açudes criados artificialmente a partir de uma nascente localizada na propriedade.

A colheita é feita o ano todo já que as culturas (principalmente as que demoram mais para colher como a mandioca e milho) são plantadas em diferentes épocas do ano, de forma a criar várias plantações do mesmo cultivar, em distintas fases de desenvolvimento, criando uma sucessão na produção. Coexistem no sítio galinhas e peixes.

¹¹ A alta diversidade produzida corresponde aos diversos sistemas de produção empregados pela família, o terreno possui uma disponibilidade de água contribui e muito, para uma diversificação das atividades tais como: criação de carpas em tanques, criação de rãs, cultivo de arroz na baixada e irrigação de horta, com produção diversificada de hortaliças. Neste caso, os gradientes de umidade e de fertilidade do solo criam uma heterogeneidade física e especial dentro do lote, que permite uma maior diversificação dos cultivos (WHITAKER, 2000).

É perceptível que de forma muito natural e a partir das muitas tentativas, de erros e acertos, os animais, à água, o solo e as plantas são organizados pelo Sr. Alvino de modo que possam coexistir em harmonia.

Desafios e entraves

A organização de uma estratégia diferenciada de comercialização torna-se uma necessidade para viabilizar maior produção e rentabilidade e, como o próprio processo produtivo vai exigir a superação de desafios diários, a logística para a entrega das cestas é um deles.

Pensar um roteiro para as entregas de modo que os produtos mantenham-se sem perdas (murchos e/ou amassados) exige a reelaboração de estratégias, já que os clientes não são fixos. A entrega em condomínios é outro entrave, pois atrasa bastante o processo, em alguns residenciais da cidade é necessária a apresentação de documentos semanalmente. O carro utilizado para o transporte das cestas é outro entrave ao processo, pois precisaria ser refrigerado em condições ideais. No caso do Sr. Alvino, ele mesmo adaptou uma camionete com uma capota que confere maior proteção as cestas. Mas as entregas já foram feitas em caminhão aberto, em Kombi etc.

Considerações finais

Como se organizou essa experiência diversificada no assentamento rural? É possível concluir que o modo de vida deste casal de assentados, viabilizou a construção de suas estratégias ao longo do tempo. A construção foi fruto de cada momento histórico vivenciado no assentamento pelos mesmos, suas estratégias são resultado também de sua convivência com vizinhos, dos trabalhos nas feiras, das visitas a universidades, ou seja, uma constante construção/reconstrução de saberes. Sua principal característica é o empreendedorismo do casal que viabilizou a construção de estratégias diversificadas. Também o desejo de viver de seu lote sustentou-os nesses anos todos.

O Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória são exemplos de resistência em um contexto marcado pelas grandes monoculturas de produções mecanizadas e carregadas de agrotóxicos. A história do assentamento Monte Alegre e das suas inúmeras famílias que constantemente vivem com a necessidade de garantir sua sobrevivência, relembra o quanto é difícil resistir às insinuantes propostas do agronegócio que também acabou por se fazer muito presente com o cultivo da cana-de-açúcar. Experiências diversificadas existem e se mantêm, mesmo contra todas as expectativas.

As estratégias e alternativas adotadas, dependentes das trajetórias e habitus dos sujeitos – como diria BOURDIEU (1989) não demonstram só a criatividade dos indivíduos, frente às pressões que às vezes nos parecem inexoráveis. Elas são prova da existência de alternativas aos grandes cultivos da impropriamente chamada Revolução Verde - que deveria ser intitulada Revolução Tecnológica da Agricultura. Uma verdadeira Revolução Verde tomará como modelo as alternativas encontradas pelo campesinato que sobrevive ao redor do mundo, com suas soluções possíveis (WHITAKER, 2008).

A comercialização da produção através das cestas de verduras, legumes e frutas se faz relevante, pois ultrapassa os limitantes conceitos de produção e produtividade econômica, cria-se uma cadeia de ações que beneficia os agricultores, os consumidores e o meio ambiente. As cestas entregues em domicílio contribuem para a qualidade de vida de seus consumidores e coloca o homem que vive na zona urbana em contato com o ciclo de produção dos alimentos na zona rural. Contribuem sobremaneira para uma alimentação mais variada e saudável e os agricultores também são beneficiados, pois podem planejar e escoar a demanda de produção, oferecendo melhores preços e obtendo uma justa remuneração.

O cultivo sem o uso de agrotóxicos respeita a necessidade de manutenção da qualidade das águas, do solo e da vida dos agricultores. O Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória conduzem as suas atividades agrícolas de forma interligada com as especificidades da terra e do ecossistema onde se inserem. O seu modo de vida, somado ao seu estilo empreendedor, resultou em uma prática cheia de particularidades; estão citadas abaixo as práticas que parecem comuns ao modo de vida dos assentados em geral e que fazem parte das práticas adotadas pelo casal:

- Junção das palhas, capins e de todo material orgânico não utilizado dentro da propriedade para manter a umidade do solo e as microvidas que ali habitam;
- O uso racional da água e a proteção das nascentes;
- A criação de pequenos animais (galinhas, peixes, patos etc.) compondo a diversificação da produção e contribuindo para a elevação da qualidade do autoconsumo da família;
- A organização dos cultivos consorciados que contribui para o sistema radicular e para o aumento de quantidade de raízes no solo;
- A arborização garantida pelo cinturão verde contribui para o aumento da

biodiversidade local e protege do vento.

Nesse sentido, os assentamentos de reforma agrária podem ser tomados como modelos e serão levados em conta, quando as exigências da recuperação do meio ambiente obrigarem a superar os sistemas dos grandes cultivos. Embora tímida, nossa modesta reforma agrária pontilhou o país de milhares de pequenos lotes com suas soluções originais e alternativas aos fracassos dos planejamentos, recriando mosaicos e diversidade, eliminando a fome não só para seus agentes como, em muitos casos, para populações a sua volta. Isso para não falar nas baixíssimas taxas de mortalidade infantil que apresentam, segundo pesquisas da FAO (1999). (WHITAKER, 2008).

As características e detalhes dos desafios e ousadias do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória foram contados neste artigo para mostrar a sua exitosa experiência e para dizer que existem várias possibilidades nos assentamentos rurais. Com muitos desafios, em meio a um contexto rural regido pelo agronegócio, sem o auxílio de assistência técnica, do poder público ou das universidades, agricultores se reinventam e constroem experiências novas. Contudo, eles ainda necessitem de assistência técnica, visto que, se ela funcionasse, como se propõe nos documentos oficiais, poder-se-ia, com certeza, ter milhares de boas e diversificadas experiências a relatar.

As universidades podem ser grandes colaboradoras na questão da assistência técnica, não somente com suas belas dissertações nas prateleiras da biblioteca, mas com cursos para agricultores, com mediação e preparação dos assentados para debates junto aos órgãos gestores dos Projetos de Assentamentos, com cursos práticos relacionados à produção, organização e desenvolvimento dos lotes, com ampla divulgação de sua produção junto aos assentados rurais, com eventos que promovam a integração dos assentados à universidade e aos conhecimentos por ela produzidos.

A experiência de entrega de cestas mostrou-se viável também por ser gerida e organizada por assentados rurais com características pessoais de pró-atividade e empreendedorismo que os impulsionam a constantemente reformular suas formas de sobrevivência no assentamento. As características mais marcantes da experiência são as formas de produção que não podem ser caracterizadas como alternativas, agroecológicas ou orgânicas, mas que, ao mesmo tempo, possuem características muito fortes de uma agricultura que integra homem e meio ambiente de forma sustentável e respeitosa.

A utilização da rede social Facebook, que confere praticidade e agilidade a todo o processo de comercialização, sustenta-se pela persistência, coragem, cuidado e respeito dos agricultores na relação seus clientes. O uso da rede indica que é necessário repensar a relação dos homens com os alimentos, aproximando quem produz de quem consome e reunindo os saberes em favor de um futuro mais saudável para todos. Deste modo, a possibilidade de escolher através da rede o que comer pode tornar-se uma decisão que caminha no sentido da quebra paradigmas.

Valorizar as muitas formas de produção, a biodiversidade, a cultura alimentar das diferentes localidades, afim de que todos possam ter bons alimentos é imprescindível. Incentivar assentados rurais que se mantêm fiéis ao campo, que cultivam sem agrotóxicos é estimular o cuidado com a terra e com as pessoas. Assim, a construção de novos modelos agrícolas é uma necessidade, como observa Whitaker (2008):

Mas, a história tem seus processos contraditórios, e em todos os países, dos hegemônicos e modernizados aos oprimidos, colonizados e explorados, vozes se levantam e movimentos sociais reivindicam novos modelos agrícolas, por meio dos quais se consiga manter a pequena propriedade produtora de alimentos, formando redes de abastecimento regionais que garantam alimentação para todos em situação de soberania.

Referências

ANTUNIASSI, M. H. Rocha; AUBREÉ, M.; CHONCHOL, M. E. F. **Desafiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais**. Disponível em: https://www.seade.gov.br/produtos/spp/v07n03/v07n03_15.pdf Acesso em: 10 nov.2012.

BELLACOSA, J. M. **Os desafios da reprodução camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis: o assentamento Monte Alegre – Araraquara-SP**. 2012: (Mestrado) FFLCH. São Paulo, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

COSTA, M. R. P. **Uma experiência diversificada de comercialização gerida por assentados rurais**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em

Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, 2013.

DUVAL, H. C. **Da terra ao prato**: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de São Carlos, Araras/SP, 2009.

FERRANTE, V.L.S.B.; BARONE, L.A. Parcerias com a cana-de-açúcar: tensões e contradições no desenvolvimento das experiências de assentamentos rurais em São Paulo. *Sociologias* (Versão Impressa), v.13, UFRGS, p.262- 305, 2011. **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 10. p.67 - 81. 2006.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal**, 2009.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 9-29.

SANT'ANA, A. L. Estratégias dos agricultores familiares: entre a moldagem da intensificação produtiva e a construção de formas diferenciadas de comercialização. Retratos de Assentamentos – **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor) nº 14, p. 283-304. 2011.

WHITAKER, D. C. A. Soberania Alimentar e assentamentos de reforma agrária. In: FERRANTE, V. L. B. WHITAKER, D. C. A. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento**: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. Brasília. MDA, 2008, p. 323 - 340.

_____; FIAMENGUE, E. C. Assentamentos de Reforma Agrária: Uma possibilidade de diversidade agrícola. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, Ano VI, n.8, Programa de Pós Graduação em Sociologia FCL/ UNESP/NUPEDOR/CNPq, p. 19-31, 2000.